

Luther King: um semeador do amor e da justiça!

Gerson Lourenço Pereira

“Eis que o semeador saiu para semear...”

(Mateus 13, 3)

Introdução

Lembrar da trajetória de Martin Luther King equivale pensar na tarefa de um semeador esperançoso. Alguém que lança sementes acreditando na potencialidade de cada uma delas, sonhando na força paradoxal do grão que precisa morrer para dar lugar ao viço e frutos de um novo e surpreendente plantio.

Semelhante ao personagem da Parábola contida nos evangelhos, que lançou os grãos em terrenos diversos (Cf. Mateus 13,1-23), Luther King saiu para semear mesmo que o solo não fosse tão receptivo. A propósito, não é possível que uma semente germine quando não há devido acolhimento para nutri-la. Ou pior, quando o cultivo é mal feito, o produto final pode resultar no oposto do que se espera. Talvez fora o que Cazusa tivera em mente ao traduzir em versos a angústia pessoal diante da mesquinha humana, comparando determinadas pessoas como “sementes mal plantadas que já nascem com cara de abortadas”.

Penso na infinidade de frutos ruins, produtos de semeaduras toscas que afloram ao redor como as descritas pelo “Poeta do Rock”. O egoísmo, a inumanidade e a desumanidade sempre trouxeram marcas extremamente negativas para a construção sólida de uma sociedade. São elas as geradoras das desigualdades enraizadas profundamente em mentes e corações que abafam, muitas vezes, o potencial de uma boa semente, tal qual àquelas lançadas por Martin Luther King.

Pretendo, com esta reflexão, direcionar o nosso olhar para quem foi; no que sua práxis consistiu, ressaltando a espiritualidade que o animara; e que legado nos deixou este semeador da justiça e da paz. A principal inquietação que compartilho é o questionamento se em que medida somos embalados, ou distanciados do sonho por ele alimentado de uma sociedade sem injustiças e desigualdades.

1. **Quem saiu a semear?** (Breve biografia de Luther King)

Quem foi Martin Luther King Jr? Um semeador que sonhou (“*I have a dream*!”). O sonho que alimentava foi de um campo vasto em que a “justiça e a paz se abraçariam” (SI 85, 10), compartilhado em 1963; precisamente no dia 28 de agosto, na histórica “Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade”, no discurso que proferiu para 250 mil pessoas no Lincoln Memorial. Na ocasião comemorava-se o centenário da abolição da escravidão nos EUA e, tanto Luther King como o então Presidente John Kennedy, se encontravam irmanados na luta pela aprovação do projeto de lei pelos direitos civis dos afro americanos em todo o País. Conheçamos um pouco de sua biografia.

Nascido em 15 de janeiro de 1929, na cidade de Atlanta, Georgia, EUA. Recebeu a educação fundamental na Escola Experimental da Universidade de Atlanta; e realizou os estudos no Ensino Médio na Escola Secundária *Booker T. Washington*, entre os anos de 1935 e 1942.

No outono de 1948, em Chester, no Estado da Pennsylvania, inicia seus estudos teológicos e filosóficos no *Crozier Theological Seminary*. Na ocasião familiariza-se com o pensamento de Mahatma Gandhi e, no campo filosófico, com o de Hegel. Forma-se em Teologia no ano de 1951 e, no mesmo ano, prossegue seus estudos na Universidade de Boston. Recebe seu Ph. D. em Filosofia e Teologia na primavera do ano de 1955. Suas principais influências na área teológica foram os protestantes Reinhold Niebuhr e Paul Tillich.

Casado com Coretta Scott desde 1953, no mesmo ano que concluiu seu doutorado, em 1955, é nomeado pastor da Igreja Batista da Avenida Dexter, na cidade de Montgomery, no Estado do Alabama. No mês de novembro nasce a primeira filha, Yolanda. No primeiro dia do mês seguinte, Rosa Parks, membro da Igreja Metodista, recusou-se a se dirigir para o fundo de um ônibus da cidade. Tal recusa ocasionou sua prisão e deflagrou o boicote aos coletivos, que perdurou um ano. Nascia assim o Movimento dos Direitos Civis.

Martin Luther King participa intensamente do boicote, a convite do grupo de religiosos que integrava a *Montgomery Improvement Association*, fomentadora do movimento, organismo do qual Rosa Parks também participava. Como decorrência do envolvimento ativo, no dia 30 de janeiro de 1956 King sofre um atentado a bomba em sua casa, felizmente sem vítimas.

Quando, em 20 de dezembro de 1956, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos ordena a revogação da segregação racial nos coletivos, o boicote em Montgomery chega ao fim. Todavia, o êxito da campanha impulsiona outras ações similares em todo território norte americano. Como liderança popularmente reconhecida, Luther King recebe projeção internacional, viajando para Gana, África, a convite do então Presidente Nkrumah, em 1958.

A campanha de Montgomery foi uma espécie de laboratório para a aplicação do método da não-violência ativa de Gandhi na luta contra o racismo nos EUA. Instado por membros da *Fellowship of Reconciliation*, ativos no movimento com a utilização de tais táticas, King viaja para a Índia, na companhia da esposa e do Prof. Lawrence D. Reddick, encontrando-se com os sucessores de Gandhi, em

princípios de março de 1959. Ao retornar, no mesmo ano retira-se da função de pastor local no Alabama, transferindo-se para Atlanta, Georgia, de onde inicia as Jornadas pela Liberdade, promovendo marchas, boicotes, concentrações e manifestações na luta pelos direitos civis.

De 1955 até seu assassinato, em 1968, Martin Luther King sofreu vários atentados, ameaças de morte, ataques físicos, chegando a ser preso 200 vezes, além de ser vigiado continuamente pelo governo. Contudo, houve também reconhecimento por sua dedicação. Após a mencionada Marcha sobre Washington, em 1963, no ano seguinte recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Foi ardorosamente contra a Guerra do Vietnã pronunciando, em 1967, o discurso “Além do Vietnã”.

No dia 4 de abril de 1968, na cidade de Memphis, Tennessee, Luther King encontra a sua cruz! Segundo a tradição cristã, toda pessoa que com radicalidade se entrega ao seguimento de Jesus, repetindo e imitando suas ações até as últimas consequências é chamada de mártir (testemunha) que, tal qual o Mestre, sofre o martírio da causa do Reino de Deus. Assim podemos considerar o assassinato de King, como o Calvário em que entregou seu último suspiro, por ter sido inspirado pela força viva do Espírito de Cristo. Incrível o impulso dessa espiritualidade!

Jon Sobrino (1992), ao refletir sobre a espiritualidade libertadora inspirada pelo Evangelho, atenta para o que isto implica: no compromisso histórico da construção do Reino de Deus (SOBRINO, p. 15). Creio que Luther King não perdera esse horizonte de vista, exprimindo em cada ação resistente e rebelde a mística da expectativa da construção de um mundo de igualdade e justiça. Falemos um pouco a respeito dessa espiritualidade evidenciada em sua práxis.

2. As sementes esperançosamente lançadas

Será que houve lugar para o medo e a dúvida na trajetória de Luther King? Tratam-se de dois sentimentos

que rivalizariam com a fé. Poderiam interromper um projeto, sepultar sonhos, impedir que sementes sejam lançadas...

Sim! Martin Luther King teve medo, mas não se acovardou. Certa noite, em Montgomery durante o boicote aos ônibus, sob as ameaças contra sua vida e família, enterrou o rosto nas mãos sobre a mesa da cozinha de sua casa e confessou seu temor: “cheguei a um ponto em que não posso mais enfrentar isto sozinho”. Ao terminar essa confissão, experimenta algo: subitamente o medo que sentia se dissipou e um estranho alívio e encorajamento sobrevieram-lhe (BUTIGAN, 2003, p. 145).

Talvez, a partir dessa experiência mística, tenha se reencantado com o mundo e a causa com a qual se dedicara, superando qualquer receio até o fim. As sementes de amor e justiça puderam, então, ser lançadas... Duas sementes ricas pela energia e poder transformadores que nos foram legadas.

Não houve lugar também em sua práxis para o ódio! O que semeou em seus discursos, animado pela força dessa espiritualidade comprometida, foram mensagens cuja esperança se projetava no império do amor. Assim esperançado, chegou a propor que o ser humano deveria “... Evoluir para todos os seus conflitos com um método que repudie a vingança, a agressão e a represália. O fundamento desse método é o amor.”

Paul Tillich ressalta que o amor, em sua sublimidade, como emoção, jamais poderia ser imposto por um mandamento (TILLICH, 1968, p. 18). Dessa forma, como entender o mandatário contido na doutrina cristã “ama o teu próximo”? Creio que não a partir de uma obrigação a ser cumprida, mas ação espontânea, fruto do envolvimento na dinâmica que o amor exprime. Como o ingresso nas exigências éticas de uma cultura, servindo de maneira concreta o

próximo nos vários aspectos sociais (BONINO, 1982, p. 105). Nesse alicerce as ações de Luther King se sustentaram.

Nosso semeador esperançoso também plantou as sementes de justiça que, uma vez germinada, frutificam com a paz. Ele afirmou: “A verdadeira paz não é somente a ausência de tensão, é a presença de justiça”.

Seguindo as mesmas observações de Tillich (1968), somos levados a compreender o amor como o fundamento da justiça, do qual derivam alguns princípios, dentre os quais o da igualdade e o da liberdade (Tillich, p.71-77). Sem que estejam conjugados, amor + justiça, o que ocorrerá será uma avalanche de lutas pessoais e busca por direitos unicamente individuais, sobrepondo a liberdade à igualdade. A adição do amor transforma a luta das causas individuais como a luta pela causa de todos, orientando a liberdade para o bem comunitário e social.

Diríamos que Luther King, ao longo do plantio, com uma das mãos lançou o amor; com a outra, a justiça. Sua luta por igualdade racial foi causa justa em que quis ver a equação fechada: amor + justiça = paz! Comprometer-se com o pleito por igualdade étnica implica na adoção desse princípio como universal, contemplando as demandas existentes em várias áreas tais como trabalho, gênero, economia, religião. Creio que o nosso semeador não perdera essa abrangência de vista.

Diante desse legado, quais frutos poderíamos saborear de sua experiência e das suas ações?

3. Onde estão os frutos?

O Brasil seria uma Pátria onde a justiça e a paz estão irmanadas? Somos uma nação cuja igualdade racial, como em outras demandas sociais, está plenamente garantida? Quero chamar a atenção para algumas informações.

- A cada 7.2 segundos uma mulher é vítima de violência física. (Fonte: Relógios da Mulher do Instituto Maria da Penha). Entre 2003 e 2013, o número de mulheres negras

assassinadas cresceu 54%, ao passo que o índice de feminicídios de brancas caiu 10% no mesmo período de tempo. (Fonte: Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais)

- Há uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas. A maioria das vítimas é de religiões de origem africana, com 39% das denúncias. (Fonte: Ministério dos Direitos Humanos)
- A Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos recebeu 725 denúncias de violência, discriminação e outros abusos contra a população LGBT somente no primeiro semestre de 2017. (Fonte: Human Rights)
- O Brasil registrou, em 2015, 59.080 homicídios. Isso significa 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes. A maior parte das vítimas é jovem, negra e de baixa renda. De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras etnias, considerando já os indicadores etários, de escolaridade, gênero, estado civil e local da residência. A população negra também corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. (Fonte: Atlas da Violência 2017 – IPEA e FBSP)
- Os brasileiros brancos ganhavam, em 2015, em média o dobro do que os negros: R\$1589, ante R\$898 mensais. A projeção quanto à equiparação renda entre negros e branco no País é para daqui a 71 anos, em 2089 (Fonte: Pesquisa "A distância que nos une - Um retrato das Desigualdades Brasileiras" realizada pela ONG britânica Oxfam, em 2017).
- Abrigamos no Brasil a quarta maior população encarcerada do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, da China e da Rússia. São 622 mil brasileiros privados de liberdade, ou seja, mais de 300 presos para cada 100 mil habitantes. 61,6% são pretos e pardos, mais da metade da

população carcerária. (Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen)

Não apenas em prosa, mas também em alguns versos, a desigualdade racial aqui é denunciada como uma realidade patente: “A favela é a nova senzala” (Lobão); “Mas presos, são quase todos pretos” (Caetano Veloso e Gilberto Gil); “A carne mais barata do mercado é a carne negra” (Elza Soares); “Se o preto de alma branca pra você/ É o exemplo da dignidade/ Não nos ajuda, só nos faz sofrer/ Nem resgata nossa identidade” (Jorge Aragão). Rimas que expressam as mazelas sociais e a marca do preconceito arraigado na nossa cultura, revelados nas informações estatísticas acima.

Teremos que caminhar ainda muito na direção da justiça, norteadas pela igualdade. Por isso precisamos de força propulsora, ânimo, alma aguerrida disposta à luta. Creio que, nesse sentido, Martin Luther King se torna uma inspiração. Sua memória como mártir foi reconhecida em 1998. Sua estátua foi incluída na Galeria dos Mártires Cristãos do Século XX, na ala oeste da Abadia de Westminster, em Londres, junto a Dom Oscar Romero e Dietrich Bonhoeffer, ícones religiosos que também lutaram contra as injustiças.

Porém, como mártir, bem mais que um símbolo, Luther King deve ser fonte de aprendizado. Lembro de quando morei no interior do Estado de Minas Gerais, há mais de 30 anos. Era um menino da cidade grande, pouca coisa sabia a respeito da técnica do plantio. Chamava a minha atenção as outras crianças, nascidas ali. Elas sabiam como plantar, haviam aprendido. Mas não foi na escola. Fora com seus pais que, antes, receberam o conhecimento dos seus avós.

Geralmente um semeador hábil aprende e se aperfeiçoa no campo pela transmissão do conhecimento de pai para filho. Assim poderia ser Luther King para nós: um pai da espiritualidade comprometida com a igualdade, que nos ensina a semear o amor e a justiça! Embora alguém com sólida formação teológico-filosófica, foi, acima de tudo, um ser humano que com simplicidade disse não a um sistema opressor.

Ao que podemos dizer não? Podemos dizer não aos discursos de ódio que vociferam nas redes sociais. Não à tentativa de encerramento das políticas sociais que inserem pessoas de baixa renda, grupos étnicos (índios e negros) e pessoas sem voz nos espaços formais de ensino, trabalho e saúde. Não à falta de dignidade que mantém em torno de 10 milhões de pessoas em estado de miséria, abaixo da linha da pobreza! Não aos assassinatos cometidos contra lideranças que proclamam a justiça; as nossas “Marielles Franco”, nossos “Chicos Mendes”, nossas “Dorothys Stang”.

Por mais dolorosa que seja a luta pela causa justa, é saboroso o fruto que experimentamos com tais exemplos. Creio na esperança de Luther King em trazer a colheita farta demonstrada na fraternidade humana reunida.

Conclusão

No auge da luta pelos direitos civis nos EUA, em 1967, o cantor Wilson Simonal e Ronaldo Bôscoli, em plena Ditadura Militar no Brasil, compuseram a canção *Tributo a Martin Luther King*. Em março daquele ano, na entrega na festa de entrega do *Troféu Roquete Pinto*, em cadeia nacional, no horário nobre e sem ter sido liberada pela censura, Simonal discursou:

Essa música, eu peço permissão a vocês, porque eu dediquei ao meu filho, esperando que no futuro ele não encontre nunca aqueles problemas que eu encontrei, e tenho às vezes encontrado, apesar de me chamar Wilson Simonal de Castro (ALEXANDRE, 2009)

Encerro esta reflexão com a homenagem feita por esse artista brasileiro, deixando a mensagem de esperança de um futuro fértil para o recolhimento dos frutos do amor e da justiça semeados por Martin Luther King Jr.

Tributo a Martin Luther King

Sim, sou um negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta sim
Luta mais!
Que a luta está no fim...
Cada negro que for
Mais um negro virá
Para lutar
Com sangue ou não
Com uma canção
Também se luta irmão
Ouvir minha voz
Oh Yes!
Lutar por nós...
Luta negra demais
(Luta negra demais!)
É lutar pela paz
(É Lutar pela paz!)
Luta negra demais
Para sermos iguais

Sim, sou um negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta sim
Luta mais!
Que a luta está no fim...
Cada negro que for
Mais um negro virá
Para lutar
Com sangue ou não
Com uma canção
Também se luta irmão
Ouvir minha voz
Oh Yes!
Lutar por nós...
Luta negra demais
(Luta negra demais!)
É lutar pela paz
(É Lutar pela paz!)
Luta negra demais

Para sermos iguais

Segue o hiperlink com a apresentação de Wilson Simonal, em 1967:

<https://www.youtube.com/watch?v=FH0Ws4Sw0ZE>

Referências

ALEXANDRE, Ricardo. ***Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal***. São Paulo: Globo, 2009.

BONINO, José Miguez. ***Ama e faz o que quiseres***. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982.

BUTIGAN, Ken. ***Da violência à integridade: um programa sobre a espiritualidade e a prática da não-violência ativa***. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

GUIMARÃES NETO, Afonso Henrique de; LIMA, Alencar Bastos Guimarães. ***Luther King (Coleção Biblioteca de História)***. São Paulo: Editora Três, 1974.

JEREMIAS, J. ***As parábolas de Jesus***. São Paulo: Paulus, 1986.

OLIVEIRA, Tory. Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil. In: ***Carta Capital*** (on line), publicado em 20/11/2017. (Disponível em: www.cartacapital.com.br)

SIMONAL - NINGUÉM SABE O DURO QUE DEI. (Documentário) Direção: Claudio Manoel, Micael Langer, Calvito Leal: Globo Filmes, 2009. DVD (86 min).

SIMONAL, Wilson; BÔSCOLI, Ronaldo. ***Tributo a Martin Luther King***. In: Single. Odeon, 1967. LP compacto, Lado A.

SOBRINO, Jon. ***Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdo***. São Paulo: Loyola, 1992

TILLICH, Paul. ***Amor, poder e justiça***. São Paulo: Moraes, 1968.

Questões:

1. Martin Luther King Jr tem sido uma grande referência de altruísmo e resistência contra as desigualdades. Há outros referenciais com os quais contamos nos dias atuais, tanto religiosos como não religiosos?

2. Listamos algumas causas de luta pela igualdade em nosso País. Quais seriam outras que poderiam ser listadas?
3. Como você reconhece e enfrenta o preconceito racial no Brasil? Existem formas de combate ao ódio declarado por alguns nas, sobretudo nas redes sociais?

Saiba Mais:

Além de Montgomery, as cidades de Selma e Birmingham, no Estado do Alabama, também foram cenário da luta pelos direitos civis nos EUA. Ficaram marcadas as históricas *Marchas de Selma a Montgomery*, movimento que envolveu três manifestações em 1965. A primeira delas foi chamada de *Bloody Sunday* (Domingo Sangrento), quando 600 manifestantes foram violentamente reprimidos pela ação policial.

O filme *Selma – Uma Luta pela Liberdade*, rememora esse episódio na trajetória de Martin Luther King, que participou ativamente das manifestações.

Cf.: **SELMA – UMA LUTA PELA LIBERDADE.**

Direção: Ava DuVernay: Paramount Pictures, 2014. DVD (128 min)